

Parabéns à cultura

Fernando Leite Mendes

Viajou ontem para a França o cidadão brasileiro Milton Santos, professor de Geografia Humana na Universidade da Bahia e doutor em Letras (Geografia) pela Universidade de Estrasburgo, na França. Não vai a passeio: vai exilar-se. Não é um político, no sentido corrente da expressão. É um *scholar*, ex-presidente da Associação dos Geógrafos do Brasil, autor de livros versando a sua ciência, editados pelas coleções mais conspícuas e culturalmente válidas, inclusive a Brasileira. Não era do PTB, nem do PSD, muito menos do PCB ou da AP, siglas em desgraça nos dias que correm. Era do Laboratório de Geo-Morfologia da Universidade do seu Estado. Não foi demitido da sua cátedra, nem teve os direitos políticos cassados. Por que viaja, então?

Viaja porque não tem condições de permanecer em seu país depois do que lhe aconteceu. Foi preso em abril. O oficial que o seqüestrou era racista, e Milton Santos é negro. Em mais de 50 dias de cárcere, ouviu, magoado, as antigas expressões do tempo da escravatura, ditas com um novo e cruel sotaque.

Não dirigia uma conspiração: dirigia o Planejamento Econômico da Bahia. Não chefiava uma nova revolta dos malês: chefiava uma repartição pública, com múnus de secretário de Estado. Não escreveu nenhum manifesto subversivo: escreveu *O Povoamento da Bahia*, *Marianne em Preto e Branco*, *A Zona do Cacau* e uma *Definição da Cidade do Salvador*.

O IPM em que o enredaram acusou-o de subversivo. O professor teria escrito uma carta ao sr. Luís Carlos Prestes, tratando-o de “amado chefe” e rogando que o velho comunista lhe enviasse uma fotografia autografada. Milton Santos não pôde achar aquilo muito engraçado, mas todos os universitários baianos sabiam que ele não seria capaz de escrever carta tão sobre o mau gosto e a puerilidade. A aleivosia primária não vingou. Por fim, o libertaram; mas não antes de vasculharem a sua casa, a sua vida, o seu caderno de endereços, os seus livros.

Saiu do quartel e ainda ficou obrigado a comparecer, uma vez por semana, à VI Região Militar, para mostrar-se às autoridades fardadas e tranquilizá-las quanto a seu paradeiro e suas atividades.

Um dia, o cônsul da França na Bahia desceu do seu pequeno automóvel à porta do Quartel General onde o professor estava encarcerado.

Dirigiu-se ao coronel carcereiro e contou-lhe que o governo de seu país o incumbira de transmitir uma notícia ao perigoso detido. A Universidade de Tolouse, a segunda na ordem de antigüidade em França, havia nomeado, seu professor, por eleição do plenário dos seus catedráticos, aquele negro. E ali, entre o oficial de dia e a cela dos presos, o cônsul queria entregar a Milton Santos, pessoalmente, a láurea da velha Universidade francesa.

O coronel surpreendeu-se. Então aquele jovem professor que ele prendera era conhecido e estimado pela cultura do grande país da Europa, a ponto de mover-se o agente consular até o fundo de sua cela para consagrá-lo com o convite? Para o militar, tratava-se de um negro.

– Mas para nós, não, coronel – disse o cônsul. – Trata-se de um doutor da França. Meu país investiu nele, quando ensejou seu doutoramento por Estrasburgo. E no momento em que o Brasil não deseja os seus serviços, a França os aceita.

O coronel insistiu: “Ah, esses civis...” Se o cônsul fosse, como ele, um militar, não pensaria assim. Encararia o problema sem sentimentalismo. “Na guerra, como na guerra.”

– Mas eu também fiz a guerra, coronel. Sou da reserva do Exército da França. Fiz a guerra contra os nazistas. Mas nunca fiz a guerra contra os professores.

O diálogo corre, com essa versão, pelas salas da Universidade da Bahia.

Salas de pesquisa e definição dos problemas do Brasil, esvaziadas, dia a dia, pelo êxodo dos técnicos recusados. É a Universidade brasileira que se despoeva da presença de homens válidos para o desenvolvimento do país.

Desde ontem o Brasil tem menos um negro. Parabéns, coronel.

Mas a França ganha mais um professor. Parabéns à cultura – infelizmente não à brasileira.

Correio da Manhã, domingo, 27 de dezembro de 1964, 1º caderno, pág. 6.